

OCEANIA E REGIÕES POLARES EM SALA DE AULA: PRÁTICAS E DESAFIOS NO COLÉGIO ESTADUAL ARMINDO GUARANÁ, SÃO CRISTÓVÃO/SE

MENEZES, Bruno¹;

MUNIZ, Thiago²;

SHIMADA, Shiziele³;

SILVA, Silmara⁴

RESUMO

Com um importante papel na formação dos cidadãos em um mundo globalizado, a Geografia se apresenta como um grande aliado na reflexão dos mais variados temas. Para isso, o presente artigo, proveniente da prática de regência no Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia, tem por objetivo principal a discussão das práticas de ensino dos conteúdos de Oceania e Regiões Polares no Colégio Estadual Armindo Guaraná, na cidade de São Cristóvão/SE. Diante das dificuldades de problematização dos conteúdos, são relatadas as metodologias utilizadas para facilitação do processo de ensino-aprendizagem. Trazendo a realidade para esses conteúdos, espera-se um maior aproveitamento das temáticas a partir de uma reflexão crítica sobre os conteúdos abordados em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Geografia, Estágio, Práticas, Aprendizagem

ABSTRACT

As an important role in the training of citizens in a globalized world, Geography presents itself as a great ally in reflecting on the most varied topics. To this end, the present article, coming from the practice of conducting in the Supervised Internship in Geography Teaching, has as its main objective the discussion of teaching practices for the contents of Oceania and Polar Regions at Colégio Estadual Armindo Guaraná, in the city of São Cristóvão/SE. Given the difficulties in problematizing content, the methodologies used to facilitate the teaching-learning process are listed. By bringing reality to these contents, greater use of the themes is expected based on critical reflection on the contents included in the classroom.

KEYWORDS: Teaching, Geography, Internship, Practices, Learning.

INTRODUÇÃO

A educação geográfica desempenha um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e engajados, especialmente na atualidade, onde vivemos em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado. Nesse contexto, o ensino dos conteúdos voltados à Oceania e Regiões Polares apresenta desafios que vão além das questões didáticas cotidianas, já que se localizam em regiões com suas próprias

¹ Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe. Email: brunomenezesgeo@gmail.com

² Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS), São Cristóvão, Sergipe. Email: cientistadoclima@gmail.com

³ Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Professora Adjunta nível IV, lotada no Departamento de Geografia, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe. Email: shiziele@academico.ufs.br

⁴ Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe. Email: lisboasilmara2@gmail.com

dinâmicas sociais e ambientais, o que dificulta a compreensão, sensibilização e reflexão acerca de algumas temáticas. Diante disso, o presente artigo culmina da disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia III a partir da prática de estágio realizado no Colégio Estadual Armino Guaraná, na cidade de São Cristóvão/SE, na turma de 9º ano do ensino fundamental.

Pautado na dificuldade em que esses conteúdos apresentam em problematizar com a realidade dos alunos, o artigo é estruturado a partir de uma discussão teórica inicial sobre a Geografia Escolar, sua importância e desafios no processo de ensino-aprendizagem, e, por fim, o relato das práticas adotadas em sala de aula durante o estágio, além das dificuldades encontradas na regência dos conteúdos.

Portanto, o artigo tem por objetivos: Discutir o processo de ensino-aprendizagem da geografia escolar; Descrever as práticas da regência dos conteúdos de Oceania e Regiões Polares; Analisar as dificuldades encontradas durante a ministração das aulas.

A GEOGRAFIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A inserção da Geografia como disciplina escolar é enraizada no positivismo clássico, analisando a realidade de forma empírica, enciclopédica e neutra, como afirma Gebran (2003). Na sala de aula, essa Geografia então é centrada em uma transmissão de conteúdo que mascara os problemas da realidade e as contradições dos processos, sem articular as relações sociais e as espacialidades cotidianas com os conteúdos ministrados, como ressalta Seabra (1984):

Fala da população mas não da sociedade; de estabelecimentos humanos, mas não aborda as relações sociais; das técnicas e dos instrumentos de trabalho, mas não do processo de produção. Discute a relação do homem com a natureza mas não as relações sociais, abstraindo assim do homem o seu caráter social (p. 8)

Diante disso, conceitos importantes da Geografia, como espaço e tempo, são tratados de forma distante, não propiciando a interação extremamente necessária no processo de aprendizagem do aluno com o objeto de conhecimento, barrando a construção da compreensão e do entendimento da sua realidade, reduzindo a ciência geográfica a um espaço morto e uma natureza nada dinâmica.

Ao valorizar uma Geografia pautada na memorização de elementos, informações e descrições, apresenta-se ao aluno uma disciplina estática, monótona e “sem graça”, adjetivos que não correspondem à grandiosidade dessa ciência. No

geral, as enumerações dos elementos, a classificação dos processos e a datação dos fatos constituem uma forma de ensino onde o aluno memorize e replique exatamente igual numa prova final, como se estes não pudessem pensar, refletir ou até mesmo questionar.

A Geografia, sendo uma ciência que discute a relação sociedade-natureza, tem como pressuposto o desenvolvimento de cidadãos críticos, oportunizando o entendimento das relações que o homem tem com o seu meio, como aborda Macêdo (2016):

A Geografia deve possibilitar o cidadão a desenvolver o senso crítico, sua capacidade de compreender e ler a realidade em seu entorno, e formular raciocínio geográfico que amplie as possibilidades para a resolução de questões pertinentes ao papel da Geografia na formação de sujeito crítico e participativo. (p. 3)

Diante disso, a Geografia é uma ciência que analisa, investiga e questiona os fenômenos naturais, sociais, econômicos e políticos que fazem parte da sociedade da qual o indivíduo está inserido. Nessa abrangência, contribui para que compreenda como se estabelecem as relações locais com as universais, como o contexto mais próximo contém e está contido em um contexto mais amplo e quais as possibilidades e implicações que essas dimensões possuem (BRASIL, 1997. p. 113).

Nas escolas, a Geografia Escolar deve preparar o aluno para localizar, compreender, criticar e se colocar como cidadão atuante em um mundo tão complexo, problematizando a sua realidade, reconhecendo as dinâmicas do espaço e propondo soluções com o objetivo de transformar seu cotidiano. É partindo dessa ideia de problematização da realidade e aprendizado com o cotidiano, que Kaercher e Hahn (2016) apresenta o termo *Lugarizar*:

(...) entendemos que lugarizar é fazer o aluno compreender que ele tem poder de atuação sobre o espaço e que ele é agente construtor e transformador do lugar no qual está inserido; é conhecer a si mesmo, é compreender os aspectos naturais, a economia do lugar em que vive; é partir do palpável, do visível aos seus olhos, para o não palpável e nem tão visível aos seus olhos; é vincular o conhecimento geográfico com aquilo que o aluno percebe ao abrir a janela do seu quarto, por exemplo. Compreender a geografia a partir da sua realidade, da sua vivência diária, facilita a compreensão daquilo que não está tão próximo da sua realidade. (p. 258)

Entender que tanto o aluno como o professor são importantes no processo de ensino-aprendizagem e na construção de conhecimento, possibilita uma aprendizagem significativa ainda maior, já que as realidades são inúmeras. Quando o aluno traz as suas vivências, o convidamos a atuar nesse processo de aprendizagem, atraindo sua atenção para a sala de aula. Como cita Kaercher e Hahn (2016) “Se a

curiosidade do aluno não for despertada, tampouco será despertado o desejo de conhecer e aprender”. Na Geografia, esse conhecimento da realidade do aluno é extremamente importante na tentativa de compreensão dos conceitos geográficos, já que esse estudante poderá fazer conexões das relações em sua localidade com outros lugares no mundo. Como colocar Kaercher e Hahn (2016): “Se o aluno lê o que lhe é conhecido, pode também arriscar-se a ler o desconhecido”. Por isso é importante, por parte dos professores, entender onde a escola está instalada e de onde os seus alunos são, para assim poder fazer um planejamento necessário tendo como embasamento o conteúdo programático, mais a realidade dos alunos de cada turma.

E é diante desse trabalho pelo professor que é entendido a diferença que certas atitudes, falas e práticas fazem na sala de aula. Conhecer os alunos e trazer suas realidades para sala os aproxima cada vez mais do conhecimento. Carregado de subjetividade, as aulas a partir dos alunos apresentam, então, características únicas, o que torna a docência ainda mais mágica diante de tantas situações vividas diariamente.

PRÁTICAS NO ENSINAR OCEANIA E REGIÕES POLARES

A prática de estágio no Colégio Estadual Armino Guarani (**Imagem 1**), na cidade de São Cristóvão/SE, parte da disciplina curricular obrigatória de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia III, do curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), campus São Cristóvão.

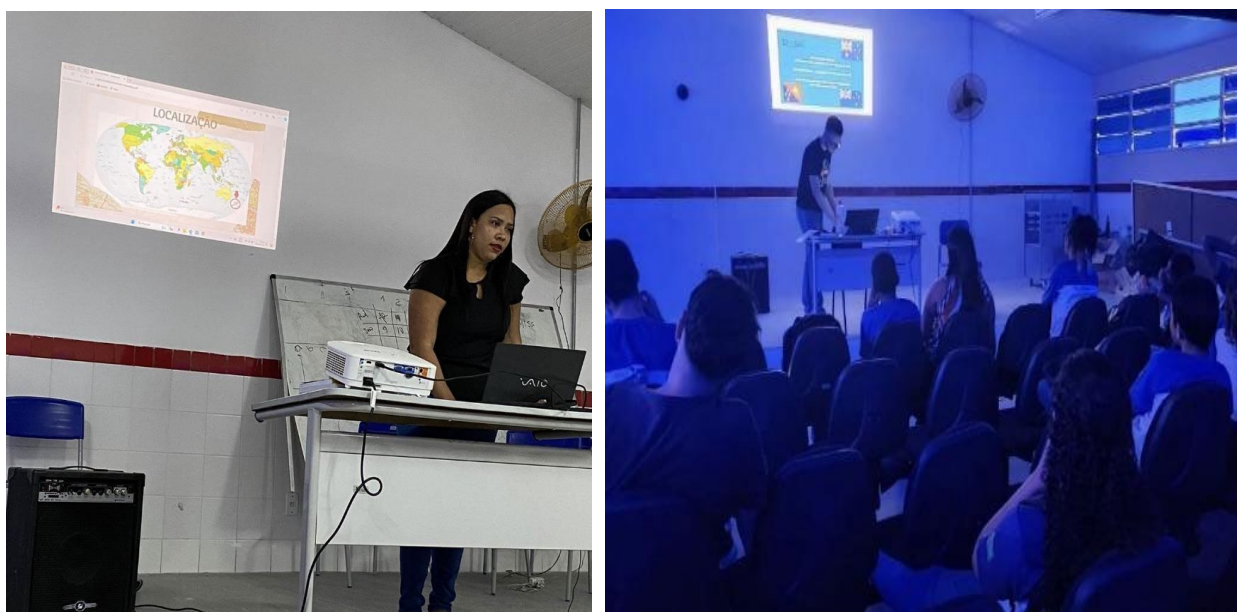
Imagem 1: Fachada do Colégio Estadual Armino Guarani - São Cristóvão/SE (**Foto:** Ascom/SEDUC)



Para esta etapa da formação docente, o estágio foi realizado em uma turma

de 9º ano do ensino fundamental da educação básica (**Imagens 2 e 3**) Em contato com a instituição de ensino em meados de agosto, ou seja, no meio do ano letivo escolar, os conteúdos a serem ministrados foram de Oceania e Regiões Polares. Diante da distância geográfica do objeto de estudo desses conteúdos, foi necessário pensar em formas de transmitir as informações sem que a aula se tornasse monótona, e os instigar a discutir durante as explicações.

Imagens 2 e 3: Regência dos conteúdos durante período de estágio



O primeiro ponto é fazer uso das imagens, sejam elas impressas ou projetadas. Diante da boa estrutura vista na escola, foram utilizados os projetores como recurso didático para projeção de slides e imagens referentes aos conteúdos. Aliado a isso, problematizar os conteúdos para aproximar da realidade dos alunos é extremamente necessário para chamar a atenção dos alunos e mostrar que tudo está interligado, seja na escala global, regional ou local, tornando uma aprendizagem significativa desses conteúdos.

Ao tratar sobre aspectos físicos da Nova Zelândia e buscar essa ligação com a realidade dos alunos, foi observada uma dificuldade inicial por conta das inúmeras diferenças vistas, seja na vegetação, no clima e, principalmente no relevo. Portanto, foi necessário focar nas diferenças, mostrando também o que leva a ter coisas tão distintas no Brasil e na Nova Zelândia. Para isso, utilizamos de imagens comparativas (**Imagem 4**) mostrando locais próximos aos alunos e os instigando a entender sua realidade, comparando, ao mesmo tempo, uma realidade distante.

Imagem 4: Comparação de relevo entre Nova Zelândia e Aracaju

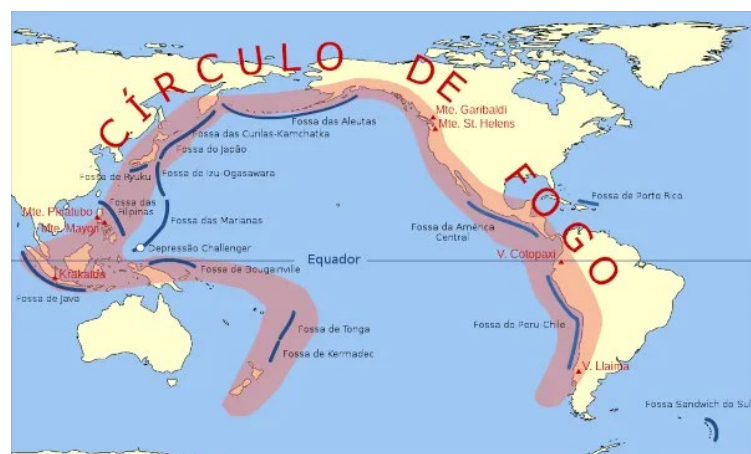


Trazendo essa imagem da cidade de Aracaju, praticamos o conceito de *Lugarizar*, onde a realidade do aluno faz parte da aula. Ainda que não seja necessariamente a realidade mais próxima dos estudantes, esse movimento se faz importante, como aborda Kaercher e Hahn (2016):

Um assunto ou tema não necessariamente precisa fazer parte do lugar do aluno para ser trabalhado, mas acreditamos que essa aproximação seja fundamental para um melhor engajamento na prática em sala de aula. É muito interessante ver os alunos opinando a respeito do seu lugar. (p. 261)

Ainda nos aspectos físicos da Nova Zelândia, no tópico acerca do Círculo de Fogo do Pacífico, é essencial a exposição do mapa mundi para melhor observação dos alunos desse fenômeno em escala global (**Imagem 5**), já que muitas vezes são apresentados de forma local, bastante específica.

Imagem 5: Mapa mundi com fenômeno do Círculo de Fogo do Pacífico



Ao utilizar esse mapa, é importante ressaltar a localização do Brasil, para que os alunos possam se enxergar, entendendo que aquela explanação tem significância. No caso desse fenômeno, foi possível constatar perguntas dos alunos do porquê não sermos atingidos e se no Brasil há terremotos e vulcões. Essas indagações são de extrema importância na construção do conhecimento, fazendo perceber que trazer a realidade é significativo, visto que as perguntas sempre envolvem o cotidiano, o local. Quando tratada a questão da vegetação, foram feitas comparações entre a vegetação vista em São Cristóvão, Aracaju (**Imagem 6**) e em outras cidades do estado de Sergipe.

Imagem 6: Comparação de vegetação entre Nova Zelândia e Aracaju



Outro ponto de destaque observado durante a regência é a facilidade dos alunos em articular os conteúdos observados com desenhos animados. Quando o assunto relacionado aos aspectos físicos da Nova Zelândia foi tratado, foram utilizadas imagens de Gêiseres (**Imagem 7**), e ao explicar aos alunos o motivo de existirem esses “vulcões” de água, os próprios estudantes lembraram que no desenho animado Pica Pau é recorrente vermos paisagens como as que são típicas na Nova Zelândia (**Imagem 8**)

Imagens 7 e 8: Gêiser na Nova Zelândia (à esquerda). Gêiser no desenho animado Pica-Pau (à direita).



Para Moran (2005), as linguagens audiovisuais se interagem superpostas, interligadas, somadas, não sendo separadas, desenvolvendo múltiplas atitudes perceptivas, solicitando a imaginação, seduzindo, entretendo, projetando em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços. Ou seja, o uso de desenho animado, nesta e em outras aulas, foi de extrema importância para chamar a atenção de todos os alunos presentes, tornando a aula mais divertida sem que a aprendizagem do conteúdo ficasse de lado.

Outros tipos de metodologia usada foram as charges e o documentário. Adentrando o conteúdo das regiões polares, foi essencial enfatizar a questão das mudanças climáticas na atual conjuntura mundial de eventos climáticos extremos e mudanças ambientais severas. O primeiro ponto de análise foi em relação ao aquecimento global e seus desdobramentos no globo. Para exemplificar, foram usadas duas charges sobre a temática (**Imagens 9 e 10**).

Imagens 9 e 10: Charges sobre o aquecimento global nas regiões polares.



O uso das charges é extremamente importante para além do visual chamativo em formato de desenho, pois este apresenta um caráter de protesto, de denúncias às questões sociais, políticas, econômicas e, neste caso, ambientais. Para Almeida, Silva e Campos (2014), a charge se apresenta como uma ferramenta educativa, tornando o ensino mais instigante e podendo despertar a curiosidade, criticidade e o questionamento.. A forma humorística como é apresentada, torna-se um fator motivador, pois, é possível fazer uma análise geográfica a partir de vários contextos, de forma mais dinâmica e interessante.

Na visão de Silva e Cavalcanti (2009), a inserção das charges no ensino serve para:

[...] ampliarem a capacidade de observação e de expressão, ao estimular a fantasia, ao despertar o prazer estético, senso de humor e a crítica, tornando o ato de ler uma atividade prazerosa e contribuindo para estabelecer o hábito saudável da leitura. (p. 146)

Continuando na abordagem das mudanças climáticas, uma nova metodologia foi utilizada: os documentários. Diferentes dos filmes, esse domínio específico do cinema possui uma forte conotação representacional, ou seja, retratar ou comprovar algo que aconteceu em certo tempo e espaço (Pires; Piedade, 2014).

O documentário utilizado em sala tem por título “Adaptando-se às mudanças climáticas”, do programa de TV Futurando, onde são abordadas as mudanças climáticas como fruto das atividades humanas devido à queima de combustíveis fósseis como carvão, petróleo e gás, transformando os padrões de temperatura e clima a longo prazo. O documentário tem subdivisões importantes, tratando de tópicos como os recifes de corais, tempestades, geleiras e a importância das árvores para manutenção do clima.

A partir disso, foi possível discutir diversos temas, fazendo um link com temas de aulas anteriores, como os recifes de corais Australianos e eventos climáticos extremos vistos no Brasil. Portanto, os documentários servem de grande apoio pedagógico, auxiliando em diversos temas trabalhados em sala de aula, como aborda Napolitano (2009):

(...) os documentários representam um dos gêneros de filme mais utilizados pelo professor em sala de aula e nos projetos escolares, pois os mesmos oferecem muitas possibilidades para o trabalho pedagógico, apresentando uma gama de temáticas como, por exemplo: a natureza, o homem, a sociedade, a cultura, o que permite que este gênero cinematográfico aproxime-se dos conteúdos escolares. Em sua grande maioria retratam de maneira aprofundada a temática a qual se propõe embora não sejam neutros, nem representem verdades absolutas, muitas vezes conseguem atingir sentidos que as explicações orais não atingem. (p. 30-31)

Diversas metodologias podem ser utilizadas em sala, adaptando-se à realidade escolar, diante da estrutura apresentada. Durante a prática de estágio, todas as metodologias descritas anteriormente foram utilizadas sem problemas, visto que a escola apresenta aparelho projeto e caixa de som à disposição, facilitando a ministração das aulas, onde aulas mais dinâmicas e diferentes podem ser apresentadas aos alunos, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo evidenciou a importância do ensino de Geografia, especialmente no que diz respeito aos conteúdos de Oceania e Regiões Polares, no

Colégio Estadual Armindo Guaraná, em São Cristóvão/SE. A prática do Estágio Supervisionado em Ensino revelou não apenas os desafios enfrentados, mas também as metodologias que podem ser utilizadas para facilitar a compreensão a partir da problematização dos temas.

Ao adotar abordagens pautadas na *Lugarização*, auxiliados do uso de recursos audiovisuais, charges e documentários, foi possível aproximar os alunos das realidades geográficas distantes, promovendo uma aprendizagem mais significativa. Essa articulação entre o conhecimento teórico e as vivências dos estudantes permitiu uma reflexão crítica sobre as características sociais, ambientais, políticas e econômicas.

Essas considerações ressaltam a relevância de um ensino de Geografia que transcende a mera memorização de conteúdos e fomenta a análise crítica dos alunos sobre o mundo ao seu redor. Além disso, o relato das práticas adotadas no estágio demonstra que a Geografia pode despertar um interesse genuíno nos alunos, promovendo debates e reflexões sobre questões globais, como as mudanças climáticas e suas implicações, por exemplo.

Portanto, o desafio que se apresenta aos educadores é o de buscar novas estratégias que não apenas informem, mas que também inspirem os alunos a se tornarem protagonistas durante o processo de ensino-aprendizagem. A formação de cidadãos críticos e conscientes é um objetivo que vai além da sala de aula e que deve ser perseguido por meio de práticas pedagógicas que valorizem a realidade de cada aluno. Assim, a Geografia se consolida como uma disciplina essencial para a compreensão de um mundo globalizado e interconectado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. S.; SILVA, P. T.; CAMPOS, M. A. F. **A UTILIZAÇÃO DO GÊNERO CHARGE COMO RECURSO DIDÁTICO METODOLÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**. Editora Realize, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC, 1997.

DW BRASIL. Adaptando-se às mudanças climáticas - Futurando. YouTube. 26/06/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aMMP07SWWyw&t=1330s>. Acesso em: 21/10/2024.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

GEBRAN, R. A. **A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL TRAJETÓRIA HISTÓRICA E PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS**. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v.1, n.1, p. 81-88, jul./dez., 2003.

KAERCHER, N. A.; HAHN, J, B. **Os arredores da escola: lugarizando a aprendizagem, vivenciando a geografia por meio de maquetes e cordel**. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z. (Orgs.). **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 255-277

MACÊDO, J. P. **A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL DA UNIDADE ESCOLAR DEUSDETH**

VITÓRIO DIAS, EM VÁRZEA BRANCA. III CONEDU - Congresso Nacional de Educação, Natal - RN, 2016.

MORAN, J. M. **O Vídeo na Sala de Aula. Comunicação & Educação**. Brasil, v. 1, n. 2, p. 27-35, 2005.

NAPOLITANO, M. **Como Usar o cinema em sala de aula**. São Paulo. Contexto. 2009.

PICONEZ, S. C. B. **A Prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão**. In: PICONEZ, S. C. B. (Org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 15 ed., Campinas: Papirus, 2008. p. 15-38.

PIEPADE, J. L. T; PIRES, M. M. **FILMES, DOCUMENTÁRIOS E VÍDEOS, SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**. PDE, Volume I, Secretaria de Educação, Paraná, 2014.

RAYMUNDO, G. M. C. **A prática de ensino e o estágio supervisionado na construção dos saberes necessários à docência**. Olhar de professor, Ponta Grossa, 16(2): 375-374, 2013.

RECORDANDO VÍDEOS. **Pica Pau - Papai Urso (1957)**. YouTube. 22/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YRSVnOdln-g>. Acesso em: 19/10/2024.

ROSA, D. E. G. **Formação de professores: concepções e práticas**. In: CAVALCANTI, L. S (Org.) **Formação de professores : concepções e práticas em Geografia**. Goiânia : E. V., 2006.

SILVA, E. I; CAVALCANTI, L. de S. **A mediação do ensino – aprendizagem de geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos**. In: **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 28, n. 2, p. 141–156, 2009.